

LARISSA ROCHA

Amor sem Palavras



Às vezes, não precisa dizer nem mesmo uma
palavra, pequenos gestos são suficientes...



LARISSA ROCHA

Amor sem Palavras

Às vezes, não precisa dizer nem mesmo uma
palavra, pequenos gestos são suficientes...

Copyright © 2018

Larissa Rocha

Capa/ Diagramação: Larissa Rocha

Revisão: Maristela Rafaela

Imagens via: Pinterest – Conpractica.info

Amor sem Palavras

1 edição – 2019

- Brasil

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.



Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n 9.160/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Amor sem Palavras
Larissa Rocha

**Para todos que ainda esperam
encontrar um grande amor.**



Lo Air – Heart on fire

Little Mix – Love Me or Leave me

Alex Band – Only one

Kelly Smith – Era uma vez

James Arthur – Impossible

Martin Garrix feat Bebe Rexha - In the Name of Love

Billie Eilish – Ocean Eyes

Shakira ft. Malula – Trap

Lukas Graham – Love Someone

**Às vezes, não se precisa dizer nem mesmo uma palavra,
pequenos gestos são suficientes
para ajudar nos momentos mais difíceis...**



*“Whenever I look around
I can always find you
On my side
In the morning and night
You’re my can candy all the time”
Lo Air – Heart on fire*

Anos antes...

Final do campeonato Bay Blues X Astros Sox

Brett havia se tornado profissional depois que um olheiro foi um dos jogos na faculdade. Entrou no time como “Hitter” – nada mais é que o rebatedor do time - e vinha se destacando cada vez mais.

Esse era o primeiro jogo onde ele estava jogando na nova posição como “Pitcher” – arremessador.

Depois que o arremessador do time se envolveu em uma briga e quebrado um dos braços. O técnico fez testes com cada um dos jogadores

titulares e reservas, Brett se destacou e ganhou uma nova posição.

Eu estava na cabine enorme quase toda feita de vidro – o que vamos combinar que estava mais como um aquário, pelo menos eu estava me sentindo como um peixinho dourado, com direito há pessoas me olhando. - O lado bom era que tinha muita cerveja.

Era a primeira vez que eu concordava em ficar no local reservado as mulheres dos jogadores. O que me tornou alvo de fotógrafos, repórteres e as mulheres dos demais jogadores por ser a primeira convidada do Brett a estar ali.

E aquela era a primeira e última vez ali, nem toda cerveja do mundo valia isso. Apesar de que tecnicamente não poderia estar bebendo por conta da minha idade, mas poucos foram os momentos na minha vida me senti tão sufocada por estar vigiada, como agora.

Dizer que estavam curiosos seria o mínimo, estavam muito mais que isso. E a prova disso e que fui interrogada. E digo que foi parecido com os que vemos em seriados criminais. Até parecia que iria ser presa e não assistir um jogo.

Brett era quase quatro anos mais velhos que eu. Enquanto tinha meus dezoito anos ele estava para fazer vinte e dois. Havíamos nos conhecido em uma cafeteria que frequentava diariamente antes do colégio. Depois de cumprimentos diários, ele me chamou para sair e semanas depois veio o pedido de namoro.

Estava rolando o oitavo “innigs” – termo usado para período de jogo – e olhando em volta nenhuma delas estavam ligando para o jogo no campo abaixo.

Era só ver o modo como elas se comportavam e se vestiam. A única coisa que tínhamos em comum era o fato de estar vestindo a blusa do companheiro, porque todas ali estavam de saltos e roupas nada confortáveis na minha opinião, jamais trocaria minha meu all star e legging por nada.

- Ei! garota do Morgan. – uma delas grita. - Vem conversar.

- Obrigada, mas não estou afim de assistir ao jogo.

Ela me encarou com uma das sobrancelhas arqueadas - aquilo para mim ou era ela perguntando se tinha certeza se queria negar o convite ou então uma ameaça velada de morte.

Levantei a cerveja e levei até a minha boca e voltei a prestar atenção no jogo, mas dava para ouvir os sussurros delas. Varias diziam que não acreditavam que eu havia recusado o convite e outras diziam que iria ceder e me juntar a elas logo.

O jogo terminou com os Bay Blues vencendo de oito contra dois do Astros Sox.

Eu era a única que ainda estava ali, já que os homens de ternos do lado de fora do aquário não me deixavam sair. E quando concordei com assistir ao jogo ali não sabia que ficaria presa ali.

- Será que eu posso sair agora? – gritei, mas não tive respostas.

Estava andando de um lado para o outro e já tinha deixado uma série de ameaças no celular do Brett, como “eu juro que irei te matar” e “não terá comemoração hoje” – se e que me entende.

Já estava começando a cogitar a usar os dutos de ar quando a porta abriu.

- Senhorita!

- Espero que tenha aparecido para me deixar sair.

- Irei acompanhá-la até o senhor Morgan. – e abriu ainda mais a porta em sinal para eu passar.

Passei por ele e fomos pela saída dos fundos que nos levou a porta do vestiário.

- Ele está esperando lá dentro, só seguir o corredor e entrar na segunda porta a esquerda.

- E alguma brincadeira? – porque Brett sabia que eu odiava vestiários, e tinha certeza absoluta que o masculino era bem pior que o feminino do colégio.

- Não senhorita. Ele está a esperando lá dentro.

Fechei a cara e entrei.

Não gostei nada de entrar naquele lugar, primeiro o cheiro – que vamos combinar não tem palavras suficientes no mundo poderia descrever, mas me parecia muito com o queijo gorgonzola mais fedido.

A tal sala estava vazia, tirando as várias toalhas e roupas no chão. Um

dos armários que estavam abertos me chamou atenção. Ao me aproximar vi que era a foto da nossa primeira viagem, só que em uma versão bem maior.

- Posso saber o que está fazendo aqui?

Dei um pulo para trás e quando me virei era um cara com meu dobro de tamanho parado na porta.

- Me desculpa, disseram que o Brett estava me esperando aqui.

Ele me olhou de cima a baixo, e foi bem desconfortável na verdade.

- Então você é a garota do Morgan.

Não respondi, até porque ele devia saber por conta da foto enorme atrás de mim.

- Sabe não é educado ficar encarando as pessoas.

- Ele está no chuveiro ainda, pode ficar aqui no meio disso. – indicou as toalhas perto do meu pé. – ou ficar na sala do treinador.

Nem precisei responder, já que ele apareceu atrás do cara.

- Desculpa a demora, Chloe.

- Ah...

Não era como se eu já não tivesse visto ele de toalha, até porque fazíamos sexo. Porém com a rotina de jogos, tinha quase dois meses que não nos víamos. Já que era difícil conciliar a faculdade com as viagens.

- Pode ir Jones e arruma uma garota para você encarar.

E se aproximou e passou o braço na minha cintura me puxando para mais perto selando nossos lábios.

- Que saudade Chlo.

- Também estava. Agora por que diabos tive que entrar no vestiário?

- E perder a oportunidade de ver sua cara por ter que entrar aqui ou quando me visse de toalha? – disse rindo.

- E sério seu idiota. – dou um tapa. – Aqui fica cheio de repórter, se alguém nos ver assim?

- Seria assim tão mal se assumimos?

- Não quero ter que andar com seguranças como você.

- Então minha fama é o problema? – se afasta começando a se vestir.

- La vamos nós de novos. – reviro os olhos. - Você sabe que estou feliz por ter conseguido o que queria.

- Tem um, “mas” vindo por aí. – volta a olhar em minha direção já praticamente vestido.

- Mas aparecer na mídia isso não é para mim, você me conhece e sabe o quanto preso minha liberdade.

Nossa conversa foi interrompida, fotógrafos e repórteres apareceram querendo conversar com ele. Na hora seguinte fotos nossas abraçados naquele vestiário foram postadas nos meios de comunicação e repostadas por fãs. No dia seguinte para todos os rumores de que éramos um casal estavam em todo lado.

Foi quando confirmou o que eu já sabia, não servia para aquela parte da vida do Brett.

Se em pouco tempo já tinha recebido até ameaças de fãs que achavam que não era suficiente para ele – o que para mim era mais que motivo para serem internadas em clinicas psiquiabras.

Os paparazzi me seguindo onde ia nos dias que se seguiram, chegando a entrar na sala de aula comigo, isso tudo sem uma confirmação o que iria acontecer se eles soubessem a verdade?

Naquele dia discutirmos muito, ele concordou em divulgar que éramos apenas bons e velhos amigos, e eu concordei em contar para as pessoas mais próximas. Assim em poucas semanas minha vida voltou ao mais próximo do normal que um dia tinha sido.

Com o passar do tempo, por ele nunca aparecer com uma namorada na mídia, fãs criaram a teoria que tínhamos mentindo.

Então Brett passou a levar acompanhantes em alguns eventos e eu ia em outros. Era assim que eu lidava com tudo.

Não pense que em cada reportagem que saia dizendo que ele estava com uma “suposta namorada” eu não sentia ciúmes, mas era um preço pequeno comparado a falta de privacidade que seria parte da minha vida como a namorada de Brett Morgan.





Capítulo Um

*“You’re lying and you I know
Baby what have we become, what happened?
We used to never go to bed angry
But it’s all we ever do lately
And you’re turning away like you hate me.”
Little Mix – Love Me or Leave me*

Fevereiro – Poucos dias até o São Valentin...

Minha avó fundou a Fleur Précieuse, há setenta anos atrás. Ela tinha pouco mais que minha idade, mas tinha um dom com plantas, que hoje na terceira geração sabíamos que esse mesmo dom estava em nossa genética.

Mas nem tudo na minha vida estava tão bem, vinha dividindo meu tempo entre trabalho durante o dia e hospital durante a noite para cuidar da

minha Irma gêmea. Liv estava em tratamento contra um câncer estava internada há seis meses.

Se não fosse pelo Marcus eu já teria perdido minha cabeça. Liv e ele estavam juntos há longos oito anos, isso depois de quase um ano negando o que estava explícito em seus rostos e em seus atos.

Já eu estava namorando meu melhor amigo há praticamente cinco anos. Nos dávamos bem, é quando ele me contou o que sentia por mim, tivemos alguns encontros e então o pedido de namoro.

Conhecia Brett há onze anos e mesmo naquela época já o achava bonito e nunca fiz questão de esconder de ninguém a minha opinião.

E aqui entre nós, seria uma grande mentira da minha parte negar. Mesmo antes de se tornar profissional ele já tinha estrutura de homem com seu 1,90 de altura. A diferença agora que tinha definido e até mesmo ganhado alguns músculos.

O problema era que de um tempo para cá o fato de eu não dar a mesma atenção de antes, vinha sendo rotulada como uma péssima namora – palavras de Brett – e claro que discutíamos, mas hoje posso classifica-las como brigas mesmo e bem frequentes.

Agora mesmo com toda certeza prestes a ter uma, o motivo era a final do campeonato.

- Você não vai de novo? – perguntou.

- Brett, sabe que não dá, por mais que eu queira estar lá torcendo por você. Não posso sair da cidade.

Brett estava na liga profissional e essa era a primeira temporada que não o acompanhava em um dos jogos.

- E ouço a mesma fala há meses. Deixei para lá porque sua irmã precisava de você, mas eu sei que ela está bem melhor e não iria se importar de que a irmã fique fora por uns dias.

- E isso que você quer? Que eu largue a Liv e o meu trabalho para ser sua tiete particular?

- Porra Chloe. Você não é uma tiete, é a minha namorada. Já um porre não poder dizer isso para todo mundo.

O conhecia bem o bastante para saber que ele estava zangado, mas ele

não era o único.

- No momento em que você gritar para o mundo, eu não terei mais paz. Conhecemos muito bem como seria, ou já se esqueceu?

Foram várias vezes que aconteceu. A primeira foi bem no início da carreira dele, um dos jogos que eu fui, no final simplesmente subiu correndo a arquibancada e me pegou nos braços comemorando o resultado.

Não sei de onde surgiram os paparazzi, os flashes ou os seguranças, só sei que um momento eu estava lá e no outro ele estava me carregando para longe lá.

No dia seguinte estávamos estampando capas de jornais entre outras coisas. Então me crucifique se quiser, mas gosto muito da minha liberdade para perdê-la por estar namorando um famoso.

- Não, eu não me esqueci.

- Diz o que quer que eu faça?

- Marcus disse que ficaria com a Liv sem problema e a Cindy consegue cuidar de tudo por uns dias.

- Espera um pouco. – me aproximei dele. – Está me dizendo que ligou para eles?

- Sim, assim não teria desculpa.

- Que merda Brett. Você entende que falta poucos dias para o dia dos namorados, a floricultura fica de cabeça pra baixo. Não posso.

Ele olhou nos meus olhos e provavelmente conseguiu ver que não iria conseguir me fazer mudar de ideia.

- Que seja, Chloe.

Pegou a mala e saiu batendo a porta do nosso apartamento com toda força. Soltei um suspiro pesado, peguei minha bolsa junto com as chaves, tranquei a porta e fui pelas escadas.



Capítulo Dois

“On life to live

*One love to give
One chance to keep from falling
One heart to break
One soul to take us”
Alex Band – Only one*

Fevereiro – Véspera de São Valentim...

Trabalhar em uma floricultura significa que em determinadas datas você não tem hora para ir embora. E certamente a véspera do dia dos namorados é uma dessas datas.

Eu estava no depósito desde as quatro da manhã, e já tinha perdido a conta de quantos arranjos já havia feito. Para onde se olhasse tinha enormes buques, ursos de pelúcias e chocolates.

- Porque você ainda não foi embora, Chloe? – Cindy diz ao entrar com uma caixa de rosas vermelhas nas mãos.

- Ainda falta um tempo para eu ficar com a Liv. – respondo enquanto coloco mais uma rosa no buque. – Marcus vai trabalhar essa noite.

- Devia ir para casa e descansar então.

- Estou bem, Cindy.

- Não está, apesar de sempre dizer isso. Acha que não sei que chegou cedo de novo?

Olho para ela.

- Quantas horas conseguiu dormir?

- Acho... – ela levanta uma das sobrancelhas. – duas. – solto o ar. – duas horas.

- Está aqui em pé a base de energético e só com a salada que eu trouxe há duas horas atrás.

Era é um saco o fato de Cindy me conhecer tão bem. Ela era nossa segunda mãe e estava na loja desde que entendo por gente e era meu braço esquerdo.

- Vou comer quando sai daqui.

- Não vou discutir de novo, por que sabemos que não vai me ouvir.

Como está sua irmã?

- Marcus disse que ela dormiu muito bem essa noite e que iriam fazer os exames hoje ainda.

- Isso é ótimo, mas achei que ele tinha tirado uns dias e vai trabalhar hoje?

- Ele tirou, mas foi chamado na delegacia.

- Pelo menos tem outra cama, poderá dormir um pouco.

- Nem sei o que é mais dormir.

- E ele vai ficar com ela amanhã?

- Sim, ele sabe que essa época é mais difícil para conseguir faltar.

- E quais são seus planos com o Brett?

- Vamos conversar por vídeo chamada.

Pelo menos era o que dia a mensagem depois que encerrei a ligação na noite anterior.

- Mas ele vai jogar hoje, não vai?

- Sim, por isso a vídeo chamada.

- Isso é boa maneira de se comemorar.

- Não precisa ser condescendente, Cindy. Brigamos antes dele ir embora, então é o máximo que iríamos conseguir.

Sorri.

Era normalmente comemorávamos no dia seguinte, porque ele estava jogando ou não tinha conseguido chegar.

Terminei três arranjos e peguei o pacote do meu cunhado, coloquei a bolsa no meu ombro.

Passei pela recepção, Cindy estava atendendo a jovem.

- Estou indo Cindy, se precisar de mim sabe onde me encontrar.

- Não tem que se preocupar, mas coma antes de ficar com sua irmã. Ficar doente não vai ajudar ninguém.

- Sim senhora.

A floricultura tinha acesso ao prédio do lado para acessar a parte subterrânea de Montreal. A ideia surgiu a mais de 60 anos, para que pudéssemos nos locomover sem problemas durante o inverno, evitando as ruas com a neve, frio e o vento que era comum do país, e vinha se expandindo cada vez mais, já tendo coberto boa parte do centro urbano.

Não demorou muito e estava na porta do meu apartamento, onde tinha um buque de rosas e no cartão só tinha meu nome. Era o terceiro esse mês. Depois do banho, comi alguma coisa e cai no sono no sofá. O que não foi muito já que menos de uma hora o meu alarme tocou.

Algumas horas depois estava parando o carro no estacionamento do hospital. Passei pela recepção como fazia sempre subi para o quarto andar. Antes de poder entrar no quarto era obrigada a passar pela descontaminação, ainda mais depois de cada rodada de quimioterapia.

Deixei o pacote junto com a bolsa na mesa ao lado da porta e encostei-me ao batente da enquanto observava Marcus estava sentado ao lado dela, ambos estavam rindo.

Era lindo vê-los juntos, mesmo depois de terem que adiar o casamento.

Liv e eu éramos gêmeas idênticas, mas desde que ela foi diagnosticada com câncer, estávamos cada vez menos parecidas.

Seus cabelos que um dia eram na cintura, foram cortados ficando em um Chanel estiloso. Agora seus cabelos não estavam caindo tanto quanto depois da primeira rodada da terapia.

Seu rosto estava mais fino, sua pele estava pálida pela falta de exposição ao sol e estava mais magra. E ainda estava com o cateter que a ajudava a respirar.

O sorriso ficou ainda maior quando me viu na porta.

- Rosinha.

Quando éramos pequenas, Liv tinha dificuldade de dizer meu nome então passou a me chamar de rosinha porque eu não podia ver uma rosa, sem que eu fosse até elas.

Aproximei-me e dei um beijo no alto de sua cabeça.

- Como está Livizinha?

- Não deu para ver? Estou muito melhor.

- Isso me deixa feliz. Oi Marcus, trouxe o que me pediu. – e aponte para mesa.

- Você é a melhor cunhada. – se levanta e me deu um beijo na cabeça.

- O que vocês estão aprontando? – minha irmã diz enquanto olhava para nós.

- Eu nada, só consegui o que ele pediu.

- Marcus?!

- Não é nada demais.

- Quando você vai para delegacia? – pergunto.

- Vou daqui uma hora, mas volto amanhã bem cedo.

- Se quiser comer alguma coisa antes de ir. – digo.

- Quer alguma coisa? Tenho certeza que não comeu nada.

- Errado. Passei em casa, até dormir um pouco.

- Qual o milagre?

- Engraçadinho.

– Sempre, volto logo. – deu um beijo na testa da minha irmã.

Ele saiu do quarto.

- Anos se passam, mas ainda não me acostumei com isso. – me sento ao lado dela.

- Ele só fez o que eu pedi, ficar de olho em você.

- Não preciso de babá.

- Precisa sim, ainda mais indo para a loja de madrugada. - ela afirmou.

- Tenho que ter uma conversa com Marcus sobre uma coisa sobre uma coisa chamada privacidade.

- Porque não me conta o real motivo de madrugar.

Às vezes ter uma irmã como ela era difícil, nunca conseguíamos esconder nada uma da outra.

- A gente discutiu, não foi nada demais só não consegui dormir depois.

- Qual foi o problema?

- O mesmo dos últimos meses. Só que agora foi uma viagem, ele quer viajar.

- E você não vai ir por minha causa.

- Não...

- Nem começa. Você parou de ir a todos os jogos que não são na cidade, só sai daqui para trabalhar. E a temporada foi longa e normal ele querer passar um tempo com você.

- Não posso ir, Liv. – me levanto vou até a janela.

- Pode sim e sabe por que?

- Vou ter que adivinhar?

- Porque meu noivo vai estar aqui, a Cindy sabe como cuidar da loja, além do mais seria só alguns dias.

Viro-me e digo.

- Você não tem mais o que fazer, tipo um livro, algum filme ou quem sabe serie para colocar em dia.

- Ter câncer me deixou com bastante tempo. – sorriu.

- E com humor negro pelo visto.

Desde que o tratamento tinha finalizado, essa era a primeira vez que ela brincava.

- Senti falta do seu humor.

- Senti falta de ser eu mesma também.

Marcus apareceu vinte minutos depois com um sanduiche e chocolate quente e se juntou a conversa.

- Sabe eu disse que comi, ou foi algo da minha cabeça? – pergunto quando ele me entrega.

- Só queria ter certeza que comeu cunhadinha.

- Ou me engordar.

O assunto era vamos nos livrar da Chloe, ou pelo menos era o que
PERIGOSAS TRADUÇÕES

parecia, já que até meu cunhado disse que eu deveria viajar me distrair e curtir mais o meu namorado.

- Porque não falam de uma vez que querem se livrar de mim.

- Não queremos cunhadinha.

- O que queremos é que você descanse, e mais que isso que viva. Sou eu que estou doente e não você, rosinha.

Revirei os olhos.

- Está bem. Acho que consigo falar com ele antes do jogo.

Levantei e fui até minha bolsa e coloquei para fazer a ligação. Ele atendeu no quarto toque.

- Sua irmã está bem? – conhecia o Brett a anos, então sabia exatamente que ele ainda estava chateado.

- Sim, ela está. Podemos conversar?

- Tenho cinco minutos.

- Você ainda está chateado. – afirmei.

- Não Chloe, estou zangado. Faz meses que estou planejando essa viagem para depois do campeonato e quando finalmente consigo tudo, minha namorada não quer ficar comigo.

Respirei fundo e caminhei para fora do quarto.

- Eu quero...

- Mas não pode, ouço a mesma frase há bom tempo.

- Não te liguei para discutirmos de novo, Brett.

- Então por quê?

- Ainda podemos fazer a viagem?

Ele ficou em completo silencio.

- Alo? Brett?

- Está falando sério?

- Bom ainda tenho que avisar a Cindy, mas sim estou falando sério.

- Só tinha cancelado a reserva, mas consigo resolver.

- Me pega em casa?

- Sim, esteja pronta, te pego as duas.
- Vou estar, bom jogo.
- Falamos mais tarde. Te amo.
- Também te amo.

Desliguei e retornei para o quarto.

- Felizes?
- Mais que imagina.

Depois de comer e escovar os dentes. Uma das vantagens de se ser noiva de um policial era que Liv estava tendo todo conforto que Marcus podia conseguir, o quarto era privativo toda vez que era internada e podia ter dois acompanhantes dormindo no mesmo.

O jogo começou quase uma hora depois de encermos a ligação. Marcus foi embora no final do primeiro “innigs” – período de jogo.

Liv por mais que tentasse lutar contra o sono foi vencida no meio do terceiro. Já eu, até o momento estava conseguindo ver cada lance do jogo.





*“Era uma vez
E que a gente quer crescer
E quando cresce quer voltar do início
Porque um joelho ralado dói
bem menos que um coração partido.”
Kell Smith – Era uma vez.*

14 de fevereiro - Dia de são Valentin...

Quando acordei o sol já estava brilhando forte, e me dei conta que tinha dormido e não me lembrava de nada referente ao final do jogo. A ultima coisa clara em minha memoria era o intervalo do quinto para o sexto período.

- Bela namorada que eu sou. – passo a mão no rosto.

Sentei e olhei minha irmã ainda estava dormindo.

- Você é uma namorada que está muito sobrecarregada.

- Tem que parar com isso. – digo ao abrir os olhos e ver Marcus saindo do banheiro.

- Desculpa, não queria te assustar.

- Não era bem isso. Tem que parar de ficar ouvindo atrás da porta.

- Chloe, você não falou tão baixo quanto pensa.

Não estava acreditando que não tinha dormido, com esse já eram dois jogos que eu perdia não fazia ideia de como havia ficado o placar.

- Não faz isso com você.

- Eu só tinha que assistir ao jogo e esperar a ligação.

- Se te faz sentir melhor, eles ganharam.

- Qual o placar?

- Isso eu não sei, olha na internet.

Quando peguei o celular e tinha várias ligações perdidas do Brett.

- Que cara é essa?

- Acho que aconteceu alguma coisa. Brett ligou mais de vinte vezes.

Desbloqueie e vi que a última ligação foi a menos de uma hora atrás.

- Como foi o trabalho? – pergunto enquanto retorno à ligação.

- Fiquei parado depois das duas até dei uma passada aqui e as duas estavam apagadas.

A ligação foi direto para caixa postal

- Desculpa Brett, acabei dormindo, mas aconteceu alguma coisa? Me liga.

Acessei a internet atrás dos melhores momentos do jogo, mas não foi o que encontrei primeiro.

- Chloe? Está tudo bem?

Não respondi, só continuei a lendo a reportagem.

- O que prendeu sua atenção? – e se sentou ao meu lado e começou a ler.

- Chloe?

- Eu sei o que vai falar e vai me prometer que não irar bancar o irmão mais velho.

- Mas...

- Mas nada, promete para mim.

- Prometo.

Olho para minha irmã, enquanto me levanto.

- Sobre isso vou resolver isso.

Pego a bolsa e vou em direção a porta.

- Tenho que resolver umas coisas na floricultura. Se precisar me liga.

Antes que eu abrisse a porta ele me puxou em um abraço.

- Você não está sozinha e sabe disso. – me dá um beijo no alto da minha testa. – Vocês duas são a minha família, e eu cuido da família.

Respiro fundo.

- Obrigada. Só não conta nada para ela.

Despedi-me e disse que passava na casa dele quando ela fosse liberada, dei um beijo na minha irmã e sai.

Conhecia Marcus muito bem e sabia que por mais que tivesse feito uma promessa, iria fazer de tudo para impedir o Brett de chegar perto de mim.

Dirigi por mais de uma hora pela cidade, e chorei durante todo minuto. Sempre achei que as pessoas com o coração partido exageravam, porem agora eu entendia, era uma dor que dilacerava o coração e devastava tudo por dentro.

Durante todo o tempo em meio as lagrimas tentei enxergar onde errei para ser traída. Não éramos como os casais que iam a floricultura se chamando por apelidos carinhosos, falar “eu te amo” era um avanço enorme na nossa relação – não quero que fique aí me criticando por qual motivo ainda não tínhamos terminados, porque não tenho que me justificar. Para nós dois a relação funcionava muito bem.

Era um pouco depois das nove quando entrei no estacionamento do prédio onde morava. Subi pelo elevador de cargas era único que não tinha

câmera dentro.

Na minha porta havia uma única rosa vermelha com um bilhete.

“Independente de ser verdade ou não, saiba que tem as pessoas que te amam muito.”

Essa não era a primeira vez que vinha um bilhete. Quem quer que fosse a pessoa por traz das flores, sempre sabia o que dizer quando as coisas estavam ruins. Eu sempre respondia deixando no mesmo lugar um envelope quando ia para o trabalho.

Tinha desistido de descobrir quem era. Na primeira vez que respondi, me escondi atrás da planta por horas, porem ninguém apareceu, dias depois veio o primeiro recado dizendo que ele seria um amigo, mas que iria ser a distância para me fazer sorrir quando ficasse difícil.

Então sempre que eu precisava desabafar, escrevia uma carta e colocava em um envelope e deixa lá. Apesar de nem sempre que recebia uma resposta, me sentia bem.

Fiquei no apartamento só o tempo bastante para tomar um banho, trocar de roupa e escrever em um cartão a palavra “obrigada” e sai. Como não estava com cabeça para dirigir novamente então comecei a andar.

Poderia ter simplesmente ligado e pedido para Cindy cuidar das coisas, mas sem chance de ficar naquele apartamento, era melhor ocupar a mente, do que ficar remoendo as coisas.

A rua estava praticamente vazia, provavelmente por conta do frio que estava fazendo - ou pelo vento mesmo -, mas o metro não estaria e não era uma opção ser encarada.

Caminhei por dois quarteirões até chegar ao ponto de ônibus. Só havia um senhor sentado lendo o jornal e lá estava a reportagem “Uma noite de muitas conquistas de Brett Morgan.”

- Senhorita quer ler? – perguntou.

- Não obrigada.

- Você me é familiar.

Que ótimo. Fazia meses que não aparecia na mídia, não era possível que alguém iria se lembrar de mim.

- Já sei. Você é uma das donas da Fleur Précieuse?

- Sim.

- Minha esposa adora os seus arranjos.

- Fico feliz em saber.

- Espero que ela goste de mais do que encomendei, me disseram que a flor estava sendo difícil de conseguir.

O único arranjo que me deu bastante trabalho foi o das orquídeas.

- Orquídeas azuis.

- Isso, dei muito trabalho?

- Não, conseguimos ontem não se preocupe. Eu mesma montei esse, e devo dizer ficou lindo.

No ônibus continuamos a conversar no ônibus, senhor Benjamin me contou que entrou a primeira vez na Fleur quando tinha vinte anos. Na noite em que pediu sua Allison em casamento com um arranjo de orquídeas azuis em um dia dos namorados há cinquenta anos, e desde aquele dia sempre a surpreendia com as mesmas flores daquele dia. E foi assim até que descii no ponto próximo à floricultura.

No momento que cruzei a porta e o sino anunciou a minha entrada, a loja que estava extremamente agitada, se silenciou como se alguém tivesse feito igual ao *Dumbledore* durante o *torneio tribruxo*.

Ali todos além de fãs do Brett, sabiam que éramos um casal. Nunca escondi que amava ele dentro daquelas paredes, mas agora o que passava em minha mente era que talvez se eles não soubessem não teria que lidar com suas caras de “sinto muito”.

No momento em que Cindy largou as flores que estavam em sua mão e abriu a boca, levantei a mão e a interrompe.

- Nem preciso ser advinha para saber que estão com dó de mim e que leram aquela reportagem e por mais que vocês sejam meus amigos vou deixar uma coisa clara. Não quero falar sobre nada que envolve ele e principalmente essa notícia.

- Chloe...

- Estou falando sério, Cindy, vamos nos focar em não estragar nenhum dia dos namorados. Estamos entendidos? – olho para cada um.

- Sim? – todos dizem.

Começo a caminhar em direção a minha sala, mas paro ao segurar a maçaneta.

- Sergio?

- Precisa de alguma coisa, Chloe?

- Sei que Brett vai aparecer aqui, porque bom ele me conhece e sabe que passo o dia aqui e ainda tem o fato que desliguei o celular. Então...

- Não vou o deixar entrar.

- Quero exatamente o contrário. Preciso conversar com ele, mas sem plateia.

- Digo para ele te encontrar no seu apartamento?

Meu?

Com essa confusão não tinha me lembrado dele. Aquele apartamento estava em nosso nome, porque ele não queria que eu ficasse sozinha depois que Liv foi morar com o Marcus. E agora ainda tinha que pensar o que iria fazer, já que o contrato de aluguel, eu tecnicamente estava presa. Era melhor arrumar um advogado.

- Isso, obrigada.

Confirmou que tinha entendido e saiu.

Passei um tempo no escritório deixando relatórios prontos e até havia conseguido um advogado do escritório do prédio ao lado, que já estava estudando o meu caso.

Cindy sempre que podia tentava conversar comigo e tirando o momento que eu fui até ela não falava nada.

A última entrega a ser feita foi a do senhor Benjamin, eu havia gostado tanto dele que tinha mandado um buque a mais junto com uma carta.

A conversa com o advogado e até mesmo a que tive com o senhor Benjamin não saía da minha cabeça. E quando decide que ficar no apartamento estava fora de cogitação liguei para o Marcus. Expliquei o que iria fazer, minha irmã queria matar o Brett e podia dizer que era uma coisa que seria feita como programa do casal.

Marcus disse que poderia ficar com o quarto de hospedes o tempo que

eu precisasse e até se ofereceu para me ajudar a buscar minhas coisas.

- Nem pensar, no momento que ele aparecer seu modo irmão defensor irá fazer um estrago. Além do mais eu tenho que resolver isso, nos vemos em algumas horas.

Estava a caminho da porta quando Cindy me segurou.

- Agora você não escapa mocinha.

- Cindy eu te amo e sabe que te considero minha segunda mãe, mas do que vai adiantar falar com você?

- Muita coisa. Preciso saber como está se sentindo.

- Zangada, triste, enganada, basicamente e isso que estou sentido.

- E já sabe o que vai fazer?

- Sair do apartamento, só decide isso por enquanto, Além de terminar tudo é obvio. – vou até a porta. – Nós vemos depois.

- Telefona se precisar.





*"I remember years ago
Someone told me I should take
Caution when it comes to love, I did
And you were strong and I was not
My illusion, my mistake*

I was careless, I forgot, I did”

James Arthur - Impossible

A porta do apartamento estava abarrotada de vasos de flores de diferentes tamanhos e formas. E naquele momento entendi como as mulheres traídas se sentiam ao ganhar flores como pedido de desculpas. – Aqui vai uma dica homens, se sua intenção é deixar ela com mais raiva, acertou em cheio. Porém se não é o que quer, repense nessa desculpa de bosta que está expressando.

O lugar estava vazio o que para mim era muito melhor. Corri até o closet e comecei a jogar minhas roupas dentro de malas, meus cosméticos em mochilas. E quando não havia mais onde colocar, o saco de lixo foram a escolha da vez. – o que? Quando se tem pressa não se liga para o modo onde as coisas vão.

Desci com algumas malas e mochilas até o térreo. Algumas pessoas que estavam ali ficaram me encarando. E com pessoas quero dizer casais, nunca reparei na quantidade de pessoas com par naquele lugar. Ou era simplesmente o universo zombando de mim, nessa altura acreditava em qualquer opção.

Ainda tinha algumas coisas para pegar e mais ainda para descer. Nunca me considerei consumista, mas depois disso prometi a mim mesma não comprar nada tão cedo e sim, dar um fim a algumas delas.

Estava terminando de jogar os sapatos em um saco quando a voz do Brett preencheu o lugar.

- O que você está fazendo?

- O que acha? Dano um fora desse lugar. – respondo sem olhar em sua direção.

- Nem ferrando. – e segurou meu braço. - Daqui você não sai?

Olhei para a mão dele segurando meu braço e depois para o seu rosto.

- E você acha que tem algum direito de me proibir ou me prender na sua casa?

- É nossa casa e você não vai embora.

- Mais uma vez, você quis dizer sua casa. Meu nome pode estar naquele contrato, mas aqui não é minha casa. Não mais.

- Para com isso Chloe, eu te amo. – e abaixa o rosto tentando me beijar, mas viro o rosto.

- Nem ouse Brett, nunca mais.

- O que aconteceu não significou nada em nenhuma das vezes.

Ele podia falar o que quisesse, não me importava com isso ou com seus olhos podiam demonstrar. Soltei meu braço e dei um passo para trás.

- Nenhuma das vezes? – aumento minha voz. – Seja homem pelo menos para me falar a quanto tempo está me traindo.

- Chloe...

- Chloe o caralho. Fala logo.

- Você não tem sido a melhor namorada nos últimos meses.

- Agora vai jogar a culpa de não manter o seu pau dentro da cueca em mim. – aponto para ele e depois para mim.

- Sabe qual foi a última vez que passamos uma noite juntos? – deu um passo para frente. – Há seis meses.

- E vai me dizer que só porque é homem e tem necessidades vai justificar me trair?

Eu queria que ele fosse para a merda.

Não queria socar ele, e até faria, mas era capaz de sair com a mão quebrada ou algo do tipo com a sorte que eu tinha.

- Não vai responder.

- E nossa viagem?

- Está de brincadeira comigo? Está pensando na droga da viagem depois disso tudo?

- Não era para você descobrir.

- Isso está na cara. E esse não era o dia dos namorados dos meus sonhos, então estamos quites. – passei por ele levando o que consegui carregar. – Alguém vai pegar o resto das minhas coisas.

- Você não pode, temos um contrato.

- Pelo menos nessa questão fui mais esperta, já tenho um advogado cuidando disso. – sai e fechei a porta.

Quando entrei no elevador e as portas começaram a se fechar ouvi ele chamando meu nome, mas não conseguiu chegar a tempo.

No térreo joguei tudo no banco traseiro, entrei e engatei a marcha. O problema foi quando sai da garagem o prédio estava cercado pela imprensa.

- E o dia só melhora.

Seguranças dele cercaram meu carro, impedindo minha passagem. Gritei várias vezes e buzinei, mas não saíram do lugar. Então minha porta foi aberta.

- Não pode sair no meio da conversa, Chloe.

Sai do carro, porque não ia adiantar. Não iriam deixar eu passar e atropelamento alguém não estava na lista de coisas a fazer no dia.

- Vai a merda Brett. Não estamos mais juntos e achei não precisava dizer mais nada depois de sair do apartamento.

- Sei que está brava.

- Estou mais que brava. Você sabe que tem duas coisas que eu preso na vida, minha liberdade e confiança.

- Nos damos bem e vamos dar um jeito.

- E que jeito seria esse? Vai dizer que me ama e que se eu tivesse largado minha vida para que você tivesse sua namorada para transar quando quisesse, não estaríamos aqui agora? – grito.

- Você quer gritar comigo, vai em frente. Só não vai embora.

- E o que vai adiantar?

- Não sei, pelo menos você vai estar comigo.

- Nada vai mudar, vou gritar com você e logo em seguida vou entrar no meu carro sem olhar para trás.

- Porra Chloe, Me desculpa. Era isso que queria ouvir?

- Pedir desculpa não muda que vem me traindo Deus sabe há quanto tempo.

- Então é isso que você quer saber? – deu um passo para frente. – Três meses, está bem.

- Quero que seus brutamontes saiam da porra da frente do meu carro. Agora.

Entro no carro batendo forte a porta. Abaixo o vidro e grito.

- Vocês escolhem sair de boa vontade ou serem atropelados. De um jeito ou de outro eu vou passar.

Os seguranças olharam um para o outro e depois para o Brett e então saíram. Girei a chave, e ele segurou a porta.

- Chloe podemos resolver isso.

- Não podemos. Adeus Brett.

E sai com o carro como havia falado antes sem olhar para trás.





***“When there’s madness,
when there’s poison in
your head
When the sadness leaves
you broken in your bed
I will hold you in the depths
of your despair”***

Martin Garrix feat. Bebe Rexha – In the name of love

Fevereiro – Os dias depois...

e tornei o que menos queria, o centro das atenções. Nós últimos dias
PERIGOSAS TRADUÇÕES

M passei de amiga a ex-namorada de Brett Morgan.

Fui seguida, cercada e até ameaçada.

Tive que pedir ajuda para o meu cunhado para sair da floricultura. A mídia estava acampada em todos os pontos da cidade aonde eu ia. E vamos combinar eram piores que baratas nesse quesito.

Se não estava chorando, estava lendo o que diziam sobre mim na internet.

Havia pessoas que apoiavam minha decisão de acabar com o relacionamento, mas também havia aquelas que diziam que eu era uma vaca egoísta e que deveria parar de pensar só em mim e perdoar ele.

Toda manhã eu olhava o que estavam dizendo. Teve dias como hoje que havia entrevista, onde ele dizia que me amava e se arrependia da traição. O que sinceramente me deixava magoada e zangada ao mesmo tempo.

- Quero sumir.

- Chloe, nada disso é sua culpa. – Liv diz

- Eu sei, mas olha o caos que minha vida está e sem falar que acabei trazendo isso para a vida de vocês dois. – olho para ela- E você não precisa dessa merda no momento.

- Sei o que está fazendo. – larga o copo. - Quer se afastar porque acha que está atrapalhando. Te conheço bem e isso não vai rolar irmãzinha.

- Seria só por um tempo até essa bagunça acabar, ou pelo menos ele desistir dessa palhaçada na mídia.

Explique cada ponto, tudo o que estava sentindo e juro tentei, mas nada que dizia fazia Liv entender, então decide apelar iria usar meu cunhado há meu favor.

Acredite ou não tive que entrar com pedido na justiça para pegar o resto das minhas coisas. Fui acompanhada pelo meu cunhado e mais alguns policiais e meu advogado. Não quis levar nada que tivesse sido presente dele.

E foi o que fiz no momento que cruzou a porta

- Me ajuda a fazer sua noiva a entender que eu sair da cidade não será o fim do mundo.

- Chloe...

- Marcus, por favor.

- Chloe escuta. – colocou as mãos em meus ombros. – Te ajudo com a Liv depois, temos um problema.

- Mais um?

- Brett está ali fora e não quer ir embora, não até falar com você

Eu não tinha ideia do que falar, mas Marcus parecia pronto para voltar lá para fora e dar um soco no Brett.

- Nem pensar você não vai falar com ele. – ouço a voz da minha irmã atrás de mim.

Olhei para o lado e depois tirei as mãos do meu cunhado de meus ombros.

- Vou sim, porque sabemos que se ele ficar aqui logo teremos companhia.

E saio encontrando com Brett parado na varanda.

- Tem que parar. – disse no momento que fecho a porta da frente. - O que você está fazendo não vai mudar minha opinião.

- Chloe...

- Estou falando sério Brett, está me sufocando.

Na última semana ele vinha postando fotos nossas diariamente, além de ter dado entrevistas confirmando nosso relacionamento e o quanto lamentava muito ter me traído.

Ainda tinha que lidar com os fãs dele, que não paravam de me perturbar. Tinham fan clubs e até mesmo uma hashtag – que para começo de conversa nem tinha gostado, mas #Chloett estava entre os dez assuntos mais comentados do país.

Depois disso desativei cada uma de minhas humildes redes sociais, era demais para minha sanidade mental que pessoas se importassem mais com um término de namoro que algo como a fome no mundo por exemplo.

- Não vou ter outra chance? Podemos voltar a ser feliz.

- Não, jogou fora a confiança que tinha em você. Eu te perdoo, mas acabou.

Tirei o anel do bolso da calça segurei a mão dele e coloquei o anel entre nossas mãos.

- Eu te amo Brett, mas mereço mais do que você pode me oferecer. E por favor pare, só assim seus fãs vão me deixar em paz.

E voltei para casa sem olhar para trás.

Depois daquele momento voltei para o meu quarto e não sai, e sei que isso deixaria eles preocupados, e acabava me deixando pior do que já estava.

No dia seguinte fui há floricultura no final do dia, o que não foi nem fácil e muito menos sensato. Não devo ter ficado mais que meia hora por lá.



Capítulo Seis

***“You really know how to make me cry
Whwn you gimme those ocean eyes
I’m scared
I’ve never fallen from quite this high
Falling into your ocean eyes”
Billie Eilish – Ocean Eyes***

Dois meses depois...

Eu já me sentia melhor. Sorrir estava voltando a fazer parte da minha rotina. E andar pela cidade sem ser notada ou seguida era a melhor coisa.

A medida protetiva que o juiz amigo do Marcus tinha concedido só valia para a propriedade, o que ainda podia me fazer de alvo na cidade.

Minha irmã diz que melhorei quando passei a receber flores. Ela não sabia que já recebia a meses, ninguém sabia na verdade.

Durante um tempo me senti culpada por esconder do Brett, mas hoje sei que foi só primeiro sinal de que não estávamos bem. Não se fica feliz por receber flores de uma pessoa que não é seu namorado, só quando aquele relacionamento não está mais como antes.

A primeira flor que ele me enviou era uma única rosa híbrida de laranja com as pontas vermelhas, junto tinha um bilhete. Foi dias depois que o diagnóstico de Liv saiu, eu havia mudado toda minha rotina para estar ao lado dela e sem perceber deixei de sorrir por que queria, passou a ser uma “obrigação”.

No dia em que voltei para cidade recebi uma rosa vermelha que ainda estava se abrindo.

“Pode até doer por um tempo, mas um dia sorrir sem estar fingindo. Saiba que não foi fácil te encontrar, mas fiz uma promessa e vou cumprir.”

Junto tinha um endereço que imaginei que fosse para o caso que precisasse desabafar.

Desde que cheguei da cidade, dividia meu tempo entre a loja, minha família e procurar um apartamento.

Liv vinha ajudando nesse último tópico, e tinha poucos dias que recebemos a notícia de que havia mais células cancerígenas, ou seja, ela havia vencido o câncer.

- Você não comeu nada, então preparei um lanche para você na cozinha. – e se sentou na cama.

- Obrigada, vou daqui a pouco. – falo sem tirar os olhos da tela.

- O que tanto faz nesse computador?

- Estou comprando minha passagem.

- Que passagem?

- Quem vai viajar? – diz Marcus entrando no quarto segurando uma rosa branca. – Isso é seu. – e estende a flor em minha direção.

- Mais uma?

- Tinha algum..

- Não era só a rosa.

- Tem certeza que não é o Brett que está mandando?

- Liv quantas vezes vou ter que dizer que não. – me levanto e indico a direção da cozinha. – Não são do Brett.

- Como pode ter tanta certeza?

- Porque eu recebo há meses. – comento enquanto me sento à mesa.

Ambos ficaram em silencio.

- Não precisam gritar. – sirvo suco. – Nunca falei para ninguém. Brett e eu víamos brigando com uma certa frequência quando recebi a primeira rosa, pouco tempo depois da notícia do seu câncer. Quem quer que seja a pessoa, foi à única coisa estável na minha vida nos últimos meses.

- E nunca tentou saber que é?

- Claro que tentei, mas não deu certo.

- Posso descobrir para você. – meu cunhado diz.

- Agradeço, mais não.

- Você parece ter certeza disso. – diz minha irmã cortando o bolo.

- E eu tenho, estou bem com isso.
- Então vai para onde cunhadinha?
- Toronto.

Expliquei que seriam só alguns dias, que precisava voltar a minha rotina. Já que ir a floricultura ainda podia render problemas, poderia ao menos ver novos fornecedores.

O que era para ser poucos dias, se tornou um mês em Toronto. E mesmo estando por lá continuei recebendo uma rosa por semana na casa da minha irmã. Não vinha recados, mas no momento que aparecia, Liv me ligava para contar.

Quando voltei meu envolvimento com Brett já era notícia antiga. Meu advogado havia conseguido resolver a questão do apartamento, que no final era nosso. Pelo visto, depois que assinei os papéis foi acrescentado uma página de compra ao contrato. Como não queria morar nele, concordamos em vendê-lo.

Mesmo estando longe, minha irmã fez questão de visitar todos os apartamentos que concordávamos que eram bons.

- Não precisa se mudar tão rápido.
- Sei disso. – me sento ao seu lado. – Quais dos apartamentos você gostou?
- Três. Tem dois próximos ao centro, e um algumas quadras daqui.

Liv me acompanhou a cada um, mas o ultimo que visitamos foi o escolhido. No final daquela tarde, o contrato já estava assinado e me mudaria assim que comprasse as coisas básicas que precisava.

Me mudei uma semana depois. Marcus me ajudou a levar minhas coisas aos poucos durante suas horas vagas, Liv me ajudou com as compras e a decoração.

Minha primeira noite no apartamento foi bem mais tranquila que pensei que seria. Acordar foi a parte estranha, não ouvir a voz da minha irmã ou do meu cunhado. Tinha me esquecido de como era.

Ter o prazer de poder caminhar pelas ruas sozinha, foi como voltar a respirar depois de muito tempo segurando a respiração. Porém voltar para floricultura foi o que me deixou mais feliz.

Os dias foram passando bem rápido. Durante uma das tardes, Sr. Benjamin foi a floricultura acompanhado de sua esposa. Posso dizer que era impossível não se apaixonar por ela, tanto que Liv e Cindy não desgrudavam dela.

As visitas deles se tornaram tão frequentes que durante uma disseram que Liv e eu éramos as netas que não tinham, e que com isso deveríamos chamá-los de avos.

Liv surtou, e no momento em que Allison soube que a data do casamento estava marcada, foi animação em escala astronômica.

- Acho que a Liv encontrou quem vai ajudar na organização. – comento com a Cindy.

- Ela achou o que sempre quis, uma família grande.

Estávamos montando um arranjo para Allison e nem reparamos quando as duas se aproximaram.

- Sobre o que as duas estão falando?

- Da sua felicidade. – respondo a Liv. – Allison, esse é para você. – e entrego o buque.

- Chloe querida, não precisava. Porém pode me chamar de vovó.

- Não é nada, vovó...

- Vai se acostumar, agora quero convidar minhas netas para um jantar no domingo daqui há quinze dias.

- Pode contar com a gente vovó.

Liv respondeu com uma animação que não tinha como faltar ao jantar.

Hoje era o primeiro jantar em “família”, no qual iríamos conhecer o tão famoso Nick. Ele era assunto frequente durante as visitas para aprender a cuidar do seu jardim, Allison tinha a certeza que faríamos um belo par e eu podia apostar que tinha dedos da Liv na história.

Por mais que eu falasse que não estava pronta para um relacionamento agora. Já minhas casamenteiras diziam que eu devia parar de ser uma idiota e conhecê-lo e sim.

- Vai morrer se ficar no mesmo ambiente que ele e conversar um

pouco com alguém além de nós?

- Minha impressão Livizinha ou está cansada de mim?
- Isso não é verdade, só que precisa expandir seu círculo de amizade.
- Ok, sentar e conversar.
- Mas não é para sair como tem feito com seus encontros.

Não era uma coisa frequente, mas havia tido alguns encontros dos quais vários terminavam bem rápido quando percebia que eles eram completos babacas.

Estava terminando de colocar a mesa quando ouço Liv me chamando e me viro de uma vez dando de cara com peito de um homem, que me segurou no mesmo instante.

- Desculpa. - por algum motivo meu coração começou a bater mais rápido. Ele era bem alto, seu cabelo era escuro como a cor de seus olhos que estavam escondidos atrás do par de óculos. O estranho é que aqueles olhos me pareciam muito familiar.

- Eu que peço, vi que estava distraída deveria anunciar minha presença. – então franziu a testa. – Quem é você?

- Sou a...

- Chloe, sua irmã... Nick querido não sabia que tinha chegado. – olha para nós. – Estou atrapalhando algo?

Só então me dou conta que ainda estou nos braços dele e dou um passo para trás.

- Não vovó, só...
- Eu tropecei e ele só me segurou Sra. Allison.
- Não quis dizer vovó?

O sorriso dela foi tão grande que podia comparar com a vergonha que estava sentido.

- Desculpa vovó. Agora vou ver o que a Liv precisa. – indiquei a cozinha. – Com licença.

Liv estava mexendo no forno quando entrei.

- Precisa de ajuda?

- Sim. – se vira. - Por que está vermelha? Você está bem?

- Estou, eu só trombei com o neto da Allison.

- Ele é tão bonito como nas fotos?

- Liv?! – exclamo. – Espera que foto?

- A vovó me mostrou.

- Sua safada, seu noivo está bem ali fora. – indico a porta.

- Qual o problema, não vou troca-lo. Quero o Nick como cunhado.

Claro que ele era bonito, e eu o conhecia a menos de cinco minutos e já tinha passado tanta vergonha que merecia um prêmio.

- Mas se bem que pela cor das suas bochechas nem preciso de confirmação. – sorri.

- O que? Não é por isso que estou vermelha. Que parte de trombei com ele não entendeu?

Como uma boa irmã mais velha – só por dez minutos que fique claro isso – começou a rir da minha desgraça.

- Será que pode parar?

- Não. – e continuou.

- Qual o motivo de tanta risada?

No momento em que ouvi a voz do Nick, meu corpo travou, fiquei tão reta que mais parecia uma estátua.

- Não foi nada, coisas de irmãs. – ela estendeu a mão para ele. – Sou a Liv, creio que vovó já tenha te apresentado ao tomatinho ali chamado Chloe. Então você deve ser o famoso Nick.

- Sim fui apresentado e devo dizer que é um prazer conhecê-la Liv, ou devia te chamar de prima?

- Pode escolher. Agora se me dão licença vou procurar meu noivo.

- Vou te ajudar. – me ofereço.

- Nada disso você tem que terminar a salada. E primo será que pode ajudar ela?

- Ajudo com prazer.

Sussurrei com cada letra para minha amada irmã que iria matá-la, mas

PERIGOSAS TRADUÇÕES

tenho certeza que minha cara era de pânico não passou credibilidade nenhuma. E eu não queria ficar sozinha com meu novo “primo”. Nem tinha se quer conseguido normalizar meus batimentos cardíacos.

Respirei fundo e caminhei até a bancada, lavei e comecei a cortar os tomates.

- Acho que elas estão tentando juntar nos dois.

Levantei a cabeça e vi que estava tão envergonhado quanto eu.

- Você acha? Nem dá para reparar com tanta sutileza delas. – em tão paro a faca. – Me desculpa, você é tanto vítima delas quanto eu.

Ele foi até a pia e lavou a mão e pegou uma faca e se juntou a mim.

- Relaxa. Uma dica de primo; se acostuma, dona Allison não tem uma grama de sutileza no corpo.

Continuamos a conversar enquanto cortávamos os ingredientes, e acabamos dano risadas da situação. Entre uma e outra pergunta, acabei fazendo a minha primeira pergunta.

- Nick, já nos vimos?

- Pode ser que sim, trabalho no prédio ao lado da floricultura.

- O prédio é enorme, Nick.

- Verdade, trabalho no escritório de advocacia. Um dos meus colegas e seu advogado.

Ainda conversamos muito depois de terminarmos a salada.

- Que tal uma bebida e continuamos a conversa na varanda.

- Claro primo.

Nick escolheu nossa bebida, vinho seco. Nossa conversa foi para diversos assuntos. Eu não me sentia tão bem há um bom tempo.

O jantar o correu sem menores problemas, mas a sutileza das minhas casamenteiras não passou despercebida por ninguém ali. Não que elas estivessem ligando.

Depois da sobremesa Liv e Marcus se despediram e foram para casa.

- Vocês dois podem ir se deitar. Cuidamos a louça, concorda prima?

- Claro que sim, primo. Podem ir descansar cuidamos disso.

Eles não demoraram para se recolher e por mais que eu estivesse mais uma vez com Nick, não estava nervosa como tinha ficado nos encontros.

Foi tudo feito em silêncio.

- Bom agora que terminamos, vou pedir um taxi e ir para casa. – falei enquanto secava minhas mãos.

- Nada disso eu te levo.

- Posso esperar o táxi, Nick.

- Não vai ser trabalho nenhum.

Nick era um perfeito cavalheiro a moda antiga, por mais que eu tenha dito que não era necessário, ele insistiu em me levar em casa. Conversamos tanto e com tanta intimidade que mais parecia que éramos velhos conhecidos.

- Obrigada pela carona, Nick. – e coloco a mão na maçaneta.

- Não há de que. Te pego amanhã as nove horas?

- O que?

- Você disse que seu carro está no conserto e não moro muito longe daqui. Além do fato de sermos vizinhos no trabalho, não custa nada te dar uma carona.

- Algo me diz que não vai adiantar discutir.

- Não vai, e minha avó não iria me perdoar se descobrisse que te deixei sem ajuda.

- Bom não queremos problemas com ela, então obrigada pela carona. – abro a porta.

- Chloe espera.

- Pode falar.

Estende o celular na minha direção.

- Anota seu número, te aviso quando sair de casa.

Salvei o meu e entreguei o meu telefone e ele fez o mesmo.

- Boa noite, Nick e mais uma vez obrigada.

- Se precisar de qualquer coisa, basta uma mensagem ou ligação.

Assenti com a cabeça e sorrir saindo do carro, ele esperou até que eu tivesse entrado no prédio buzinou, acenou e só depois arrancou o carro.

Na manhã seguinte lá estava o Nick, me esperando para irmos trabalhar com café e muffins.

- Bom dia, Chloe. – entregando um dos cafés e muffin, assim que sento.

- Bom dia, Nick. Não precisava.

- Sempre compro meu café, pedir em dobro não foi problema.

- Bom obrigada.

Ele estacionou próximo há loja. E me acompanhou até lá e me ajudou a abri-la.

- Te encontro no final do dia.

- Ou podemos almoçar juntos.

- Por mim tudo bem, Nick.

Nos encontramos no almoço e quando disse que iria ficar na loja por mais tempo para arrumar o estoque.

- Fica com o celular por perto, quando sair do trabalho posso vim te ajudar.

- Não precisa, Nick.

Não adiantou, ele conseguiu entrar graças a Cindy.

Sáímos da loja e fiz questão de que ele fosse jantar na minha casa, como agradecimento.

Os dias foram se passando e quando meu carro ficou pronto, já fazia parte da minha rotina. Nick disse o mesmo, então decidimos que iríamos nos revezar, cada dia um seria o motorista e responsável pelo café.





***“Pero estoy cansada de desilusiones
Hace mucho tiempo no
creo em lós hombres
Y no necesito de este mal de amores
Me pide y yo le doy
Sabe que siempre aquí estoy
Casi siempre llama tarde y nunca cambia el.”
Shakira ft. Maluma – Trap***

Junho- Mês dos namorados...

Nick entrou na minha vida e passou estar tão presente em minha vida, que já não podia lidar como seria ficar sem a sua presença, os almoços juntos ou as idas em cinemas ou os jantares de família.

Porém sentia falta das rosas. Era engraçado, mas foram várias as vezes que me peguei pensando no motivo para não as recebia mais. O que acontecia desde semana depois do primeiro jantar em família.

Era noite de sexta-feira e como tínhamos combinado, seria noite que iríamos continuar maratona de Arrow no meu apartamento. Tinha saído mais cedo da floricultura, então ele iria comprar a comida e vir direto depois do julgamento.

Quando a campainha tocou as sete horas noite, eu estava terminando de equipar o sofá cama com almofadas e cobertor.

Abri a porta e lá estava ele com várias sacolas.

- Qual batalhão você pretende alimentar? – e do um passo para o lado dano passagem.

- Primeiro nós dois sabemos que eu como muito. – indo direto para cozinha e tirando um pote de sorvete da sacola e levando para o freezer. - Segundo só saio daqui para irmos para o almoço no domingo.

- Minha impressão ou você se apropriou da minha casa? – vendo-o levar a mochila para o quarto de hóspedes e voltando rapidamente para cozinha.

- E aquele papo de minha casa e sua casa foi da boca para fora?

- Não foi, mas queria ver sua cara. Então o que você trouxe?

- Comida chinesa, bolinhas de queijo, pipoca, chocolate e sorvete. Amanhã compro nosso café e almoço.

- Não vamos comer tudo isso em uma noite, Nick. – abri a geladeira. – Cerveja ou refrigerante?

- Não tenho tanta certeza disso, estou com fome. E fico com o refrigerante.

- Você não almoçou depois que a reunião acabou? – pego nossas bebidas e o acompanho para sala.

- Não, fui direto para o julgamento.

- Deixa a vovó saber disso.

- Nem brinca com isso.

Nos sentamos no sofá e ele tomou conta do controle. Colocamos as bebidas na mesa de centro e demos inicio a segunda temporada.

Conforme o tempo foi passando fizemos algumas pausas. Ele aproveitou uma delas para tomar banho, enquanto eu lavei tudo que tínhamos usado, peguei duas cervejas e voltei para o meu lugar.

Quando voltou, se sentou próximo de mim e me puxou para deitar em seu ombro. Não disse nada e muito menos resisti.

Entre o final do oitavo episódio e o início do nono ele simplesmente parou e ficou me encarando.

- O que foi?

- Estou tentando entender como aquele cara pode ter te traído.

- Será que podemos não falar disso?

- Como quiser, mas ele não vai deixar de ser um babaca para mim.

- Não penso mais nele, acabou e passado.

- Então se eu fizesse uma coisa não iria me por para fora do seu apartamento?

Me endireitei e olhei para ele.

- Que coisa?

- Uma que quero fazer há um bom tempo.

Ele se aproximou devagar e levou uma das mãos a minha nuca, e puxou meu rosto em direção ao seu e colou os lábios nos meus. Ele me beijava como se o mundo tivesse parado, com todo tempo e carinho do mundo. Mesmo depois de encerrar o beijo ele encostou a testa na minha enquanto segura meu rosto em suas mãos.

- Não tem que falar nada, se quiser que eu vá embora basta dar um sinal e irei.

Mas eu não falei nada, selei nossos lábios e simplesmente olhei para tv, puxei o cobertor, voltando para a mesma posição que estávamos. Não porque não tinha gostado, mas por não saber ao certo o que dizer, e em momentos assim as vezes é melhor não falar nada do que falar simplesmente

por falar. Ele me deu um beijo na cabeça e pude sentir o sorriso dele contra meu cabelo, enquanto segurava na cintura.

Continuamos a maratona madrugada a dentro sem tocar no assunto, mas tão próximos quanto estávamos antes do beijo.

Acordei estava com a cabeça em um dos braços dele enquanto o outro estava me segurando pela cintura, e quando tentei me levantar simplesmente apertou ainda mais minha cintura, provavelmente achou que iria cair o que não era possível já que um sofá cama.

- Está tudo bem. – sussurrei, tirei a mão da minha cintura e me levantei.

Coloquei pó de café na máquina e fui até a padaria na esquina do apartamento. Voltei e Nick ainda estava apagado no sofá, o café estava pronto e arrumei o resto e fui para sala.

- Nick, hora de acordar.

Ele fez foi me puxar para deitar novamente.

- Nick o café vai esfriar.

Foi como falar para o nada. Então fiz a única coisa que podia, o beijei.

E quase no mesmo momento ele me puxou para mais perto. No momento em que sinto sua língua na minha. Ele virou nossos corpos me posicionando em baixo dele aprofundando o beijo.

- Melhor jeito de acordar. – disse ofegante ao se afastar.

- Bom considerando que tentei de acordar algumas vezes, parece que te beijar é o segredo. – igualmente ofegante.

- Me desculpa.

- Não tem por que se desculpar, dormi no sofá não é o mais confortável do mundo mesmo ele sendo sofá cama.

- Não foi tão ruim assim.

- Vamos o café está pronto.

- Eu disse que iria comprar o nosso café.

- Já foi, o almoço continua em sua responsabilidade.

Passamos o dia comendo bobearas, vendo a série e beijos. Dormimos na mesma cama e conversamos.

Agora estávamos no carro a caminho do almoço.

- Devemos contar?

- Nick, não duvide do que eu sinto, porque não duvido que gosto de você. Mas podemos ir devagar?

- Chloe, não precisa se preocupar. Vamos no nosso ritmo, e se quer ir devagar e o que vamos fazer.

Não precisávamos nomear por agora o que éramos ou o que sentíamos. Bastava ficar ao seu lado para sorrir.

No almoço todos repararam que estávamos mais próximos, mas ninguém tocou no assunto. Porém dava para ver a troca de sorrisos entre vovó e minha irmã, quando olhavam em nossa direção e estávamos de mãos dadas. Não foi um ato consciente, era simples como respirar.

- Está acontecendo alguma coisa que queira me contar?

- Liv por Deus, não se surge assim do nada.

- Não vem com essa, Chloe Smith. Comece a falar.

- Não sei sobre o que está falando, e para de fantasiar coisas com a vovó.

- Fantasiar algo que está na cara de vocês, ou acha que não vi quando ficaram de mãos dadas? Mas vou respeitar seu desejo de silencio, por enquanto.

No final da tarde, despedimos de todos não antes de vovó me puxar para uma conversa.

- Não preciso de confirmação, sei que gosta do meu neto e não faz ideia do quanto me deixa feliz. Vocês merecem serem felizes.

Allison não me deu tempo para responder, me deu um beijo e saiu da sala.

- Ela sabe. - digo.

- Quem sabe o que?

- Vovó, ela me puxou para conversar ou melhor ela falou, “vocês merecem serem felizes”

- Nós também não ajudamos a negar.

Durante o resto do percurso para o meu apartamento, Nick me contou

que seu pai era brasileiro, a princípio não tinha entendido o que tinha haver, só que queria me levar para jantar no dia doze. E me fez prometer que iria ao jantar.

- Mas por que dia doze?
- E uma data especial para mim, então aceita?
- Já tinha aceitado, só estou curiosa.
- Espero que goste.

Onze dias se passaram como no passaram em piscar de olhos. E ali estava eu, pronta para mais um encontro.

A poucas horas minha irmã apareceu com um vestido nos braços, dizendo ser parte do encontro. Me ajudou a me arrumar e me acompanhou ao carro que me esperava. Tudo que sabia era que o carro estava me levando para o apartamento dele na cobertura do prédio há alguns quarteirões do meu.

Quando o carro parou lá estava Nick de social pronto para abrir a porta.

- Senhorita. – disse estendendo a mão para me ajudar a sair do taxi.
- Obrigada Senhor. – sorri enquanto saía do carro.
- Como é possível sentir tanto sua falta se te vi há algumas horas?
- Não sei, mas senti sua falta também. – e dei um rápido beijo.

Entramos em seu apartamento, e ele me guiou com uma das mãos em minhas costas até a porta que levava ao terraço.

O lugar estava iluminado por velas e rosas de diferentes tamanhos e cores e no centro havia a mesa igualmente decorada.

- Nick, o que é isso tudo? – digo depois de olhar ao redor e me virar ficando de frente.

- Primeiro tenho uma pergunta, mas você só vai dá a resposta quando eu disser o que preciso. Ok?

Confirmei com a cabeça.

- Chloe Smith, quer ser minha namorada?

Quando abri a boca ele colocou o dedo em meus lábios.

- Ainda não. – me levou até o sofá no canto, segurou minhas mãos e

olhou em meus olhos. - Tenho mentindo para você, Chloe.

Juro, meu coração errou uma batida, como se tivesse parado de bater. E quando fiz que iria me levantar ele segurou minha mão.

- Não do jeito que está pensando. Não tenho outra pessoa.

Ele sabia que depois da traição confiar em alguém era difícil, porque conhecia bem a dor.

- Mas tem mentindo sobre o que?

- Sei que tem procurado pelas rosas.

- Como... – engoli em seco. – Como sabe sobre as rosas?

- Simples, eu que as enviava. – e se recosta no sofá.

Arregalei os olhos em choque, minha cabeça estava borbulhando perguntas e depois de minutos em completo silêncio ele quebra o silêncio.

- Sei que está confusa, então só me ouça. Pode ser?

- Não tenho escolha, tenho?

- Claro que tem, você pode ir embora se não quiser ouvir. Nunca te prenderia contra sua vontade.

- Então, por favor comece.

Ele respirou fundo, parecia estar tão nervoso quanto eu.

- A primeira vez que nós vimos você estava saindo da floricultura chorando e acabou se esbarrando em mim. Não sei o que tinha acontecido, mas você estava mal. Os dias se passaram e não conseguia tirar você da minha cabeça, então lembrei o que meu pai sempre dava rosas para animar minha mãe em dias difíceis. Então te segui um dia até o seu prédio e por isso peço desculpas. No fim de semana meu avô contou que uma das donas da floricultura estava doente, no dia seguinte te enviei a primeira.

“E esse foi um passo sem volta, por que sempre que te via triste, sentia que tinha que fazê-la sorrir mesmo que fosse por pouco segundos. Semanas se tornaram meses. Era fácil saber quando não estava bem, por te observar. Depois veio aquela notícia do Brett, já tinha visto vocês juntos várias vezes, mesmo assim não conseguia deixar de enviar, e as vezes que me respondia eram só a confirmação de que não podia te deixar.”

- Deixa eu ver se entendi, a pessoa que me enviava rosas era você?

- Resumindo em oito palavras, sim era eu.
 - Mas como você entrava no prédio e pegava as minhas cartas?
 - Não foi fácil, expliquei o motivo e o convenci a colocar na sua porta. E depois de algumas vezes ele me contou o numero do seu apartamento, desde que ninguém ficasse sabendo, poderia ir até lá.
 - E quando sai de lá. No bilhete você dizia que tinha demorado para me encontrar.
 - Não podia dar bandeira, sabia que estava com o seu cunhado por conta dos seus dados. – e começou a acariciar minhas mãos. – Sei que é muito para assimilar.
 - Pode ter certeza disso.
 - Tinha que te contar antes de saber sua resposta. – e tirou um envelope do bolso e me entrega. - Minha avó achou que devia te mostrar uma coisa depois de contar tudo.
 - Espera ela sabe?
 - Tive que contar, quem você acha que deu a ideia para o jantar?
- Quando desdobrei o papel vi a minha letra. Era o bilhete que havia mandando para seus avos meses atrás.

“Oi senhor Benjamin e senhora Allison.

Queria que o aniversário de vocês fossem mais que especial, espero que tenha gostado do presente, Sra. Allison é uma mulher de sorte. Quando o senhor me contou a história por trás das orquídeas quis fazer parte desse dia de alguma forma, por isso mandei minhas flores favoritas. Rosas podem parecer clichês ainda mais nessa data, mas elas sempre fizeram parte da minha vida, ainda mais nos últimos meses.

E saber do amor de vocês me fez ver que recebia nunca sobreviveria a décadas como o de vocês, e exatamente isso que quero ter um dia. Um amor que continue queimando forte no coração independente do tempo.

Espero ter a honra de conhece-la um dia senhora Allison.

Com carinho

Chloe Smith da Fleur Précieuse”

Quando terminei e o vi algumas coisas em seu rosto. Amor que já vinha vendo há semanas naqueles olhos castanhos atrás dos óculos e ansiedade pela resposta e um pouco de medo.

E vendo isso tive a certeza que o que tanto desejava em um relacionamento estava sentado no sofá comigo e seria uma idiota com I maiúsculo se deixasse ele escapar por entre meus dedos.

Respirei fundo e soltei nossas mãos e me sentei em seu colo, levei minha mão ao seu cabelo e enquanto o acariciava seguia os movimentos com os olhos. Até sua nuca e falei.

- Sim.

- O que? – diz confuso.

- Minha resposta, aceito ser sua namorada.

Não sei se é possível ter um novo primeiro beijo depois de anos e de todos os beijos que já havíamos trocados, mas aquele foi um beijo de amor. E ele foi só o início de uma aventura que imaginei nunca ter.

- Eu te amo, Chloe.

- Eu te amo, Nick.

Ele me puxou em um abraço.

- Pensei que poderia te perder.

- Me perder?

- Era medo, sei que não é fácil confiar depois de uma traição.

- Não vai me perder se não houver um motivo.

Depois de jantarmos, nos sentamos no chão. Eu entre suas pernas apoiando a cabeça em seu peito, da sua varanda podíamos ver as estrelas no céu e as luzes dos prédios.





***“ There are days
I wake up and I pinch myself
You’re with me, not someone else
And I am scared, yeah, I’m still scared
That it’s all a dream
Case you still look perfect as days go by”
Lukas Graham – Love Someone***

Meses depois...

O casamento da minha irmã foi lindo como devia ser. Foi na igreja que ela queria, a decoração foi por minha conta com a Cindy. Vovó Allison ficou com a preparação da Liv, que ficou igual uma princesa de contos de fadas.

Vovó Allison entrou com Marcus, vovô Benjamin entregou a Liv. Nick entrou comigo, padrinho e madrinha juntos no altar.

O casamento foi bastante íntimo, alguns amigos do Marcus, o pessoal

da floricultura.

A festa estava sendo na casa dos Anderson, era a hora de jogar o buquê. Todas as solteiras estavam fazendo fila.

- Você não vai amor?
- Eu não estou solteira, por que iria?
- Para se divertir. Vai lá.

Acabei cedendo, Liv não iria jogar o buquê se eu não estivesse ali também.

- Estão prontas?
- SIM! – respondemos juntas.
- No três. Um... Dois... Três.

Mas ela não jogou, caminhou na minha direção e me entregou um buquê diferente do que havia se casada, este era formado de várias tonalidades de rosas e no centro uma orquídea azul.

Foi então que meu namorado apareceu na minha frente, se ajoelhou e abriu a caixinha de veludo preto.

- Ser seu namorado nos últimos meses tem me feito feliz. Porém não posso deixar de desejar ver meu sobrenome junto ao seu e um dia filhos.

Não estava acreditando no que ele estava fazendo.

- Chloe Smith, aceita se casar comigo?
- Claro que aceito Nick.

No momento em que aceitei papeis picados voaram em nossa direção. Ele se levantou, pegou minha mão e colocou o lindo anel no meu dedo.

Depois eu soube que todos ali sabiam do pedido e havia preparado os detalhes, até me senti um pouco chateada, mas valeu a pena. Iria me casar com alguém que me importo e que se importa comigo.

Estávamos dançando lentamente. Minha cabeça em seu peito conseguia ouvir seu coração batendo, seu queixo estava apoiado no alto da minha cabeça. Suas mãos na minha cintura e a outra no meio das minhas costas, enquanto eu o abraçava.

- Tem semanas que queria te dar esse anel.

- Então era isso que estava escondendo no carro aquele dia.
- Acho que aquele dia quase tive um infarto.
- Eu devia saber que estava aprontando alguma coisa, primeiro foi a volta das rosas.

- Achei que tinha gostado das rosas.
- Claro que gostei, mas esse pedido tomou o primeiro lugar.

Ele me deu um beijo na testa e me abraçou forte.

- Minha pequena Chloe. – sussurrou.

Sorri contra seu peito. Nunca achei que poderia me sentir feliz desse modo, eu era feliz com minha vida, com a minha família, mas Nick veio e me transbordou essa felicidade.

Nosso amor era de um tipo que não precisava de palavras ditas ou escritas. Nosso silêncio era a nossa forma de se comunicar. Eu não precisava do mundo que o Brett me oferecia, por que Nick me oferecia o universo inteiro só em um olhar.

Então lembre-se se as rosas com sua inigualável beleza são chamadas de clichês, mas também são as escolhidas em diversas ocasiões pela vida. Não importa a data ou o evento, quase sempre tem uma no local.

Mesmo que sua vida pareça não ter concerto, uma hora alguma rosa – ou alguém, vai te mostrar o contrário.

E eu só tenho que agradecer, por que tudo começou por causa de uma rosa.

Fim





Originalmente esse conto seria um livro, mas depois de pensar achei que um início diferente para essa história.

Chloe chegou na minha cabeça em um momento que estava pensando em desiste da escrita, não me sentia mais confortável e tinha e me decidido.

Mas ela não deixou, simplesmente começou a falar até que eu pegar um caderno e começar a anotar. Pode não ter aparecido esse lado no conto, mas Chloe Smith é

bastante teimosa quando quer.

Nick é diferente. Ele é a parte calma e paciente que eu não tenho. Porém veio para ensinar que com calma e luta se pode conseguir o que deseja.

Alem desse casal, eu sou muito grata a algumas pessoas que não me deixam desistir da escrita.

Um agradecimento especial à algumas pessoas que fazem parte da minha vida de maneiras diferentes, mas que juntos não fazem ideia do quanto são importantes.

Maristela, minha amiga, minha beta. Obrigada por aceitar essa tarefa e por toda ajuda.

Agatha, minha carioca que sempre fica do meu lado mesmo com a distância. Por não me deixar desistir, pelas conversas e por ser essa amiga incrível.

Ao grupo After Forever pelo apoio de sempre, por darem uma chance há essa história e por sua amizade

Por fim, gostaria de agradecer minhas leitoras e leitores do Wattpad e a cada um que leu esse conto, espero que se apaixone por esse casal da mesma maneira que eu ao escrever.

Lembrando que há playlist se encontra no Spotify.

Todo o meu amor.

- Larissa Rocha



Sobre a autora

Larissa Rocha é leonina, sonhadora e mineira, tem 23 anos.

Graduada em Estética e Cosmética pela Universidade UNA. Nascida em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Leva a vida conciliando suas paixões: o amor por culturas diferentes, livros e estética. E não resiste a doces, especialmente chocolates.

Apaixonada pelo universo dos livros desde criança pela influenciada pela mãe.

Começou a escrever como parte da sua terapia aos 13 anos, mas só aos 20 anos teve coragem para publicar o primeiro livro na internet.

O hobby se transformou em algo mais, e hoje busca sempre melhorar sua escrita.

Espera que um dia possa ajudar ainda pessoas com suas histórias, do mesmo modo que escrever há ajudou e vem

ajudando em momentos difíceis.

Outras obras:

Duologia Amor em Chicago composta por; Quando nos conhecemos, Quando nos amamos e contos de Chicago.

Conto do dia dos namorados; Amor sem Palavras.

Conto de Natal; Natal de Palavras.

Em breve Nasceu no gelo, história de uma patinadora artística.

Há Playlists no Spotify, basta colocar o nome do livro .